

# Lenin e a Crítica Viva da Economia Política

Fernando Leitão Rocha Junior

**Como citar:** ROCHA JUNIOR, F. L. Lenin e a Crítica Viva da Economia Política. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.245-278. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p245-278>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# LENIN E A CRÍTICA VIVA DA ECONOMIA POLÍTICA

*Fernando Leitão Rocha Junior*

“Por nada nesse mundo renunciaremos ao poder dos soviets” Lenin.

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A relação que Lenin<sup>2</sup> estabeleceu com a crítica da economia política, isto é, com o marxismo, foi uma relação sempre viva, pautada por análises concretas de situações concretas. Podemos sem muitos esforços constatar estas premissas, já em suas primeiras obras, escritas durante a última década do século XIX.

Assim, desde 1894 com a publicação de sua primeira obra: *Quem são os amigos do Povo? e como lutam contra os socialdemocratas*, o jovem Lenin, com pouco mais de 20 anos, dará continuidade a pavimentação do caminho aberto por Marx e Engels na direção da compreensão efetiva da sociedade sob a égide do modo de produção capitalista, “Lênin como discípulo dos fundadores do Socialismo Científico, não fugiu a esta maneira

---

<sup>1</sup> Este trabalho é dedicado aos meus pais: Fernando Leitão Rocha e Maria Lindalva Rocha, migrantes nordestinos que enfrentam desde a década de 1960 a peleja laboral no “mundo cão” da chamada “terra da garoa” sem nunca terem perdido a sua dignidade humana!

<sup>2</sup> Por conta do novo acordo gramatical, usaremos no texto a palavra Lenin sem o acento circunflexo. Contudo, nas citações bibliográficas manteremos a fidelidade aos textos originais, o que indica algumas variações, como: (Lenine, Lénine, Lénin ou Lénin).

de apreender o real, dando assim ênfase ao entendimento da dinâmica da Economia Capitalista de seu tempo” (MAZZEO, 1987, p. 159).

Segundo Sodré (1986, p. 35):

ele jamais aborda um problema sem considerar o conjunto das rela es, tudo que o cerca, tudo que o condiciona, ainda que de forma indireta. Não há um só trabalho de Lênin, entre aqueles que marcam sua trajetória política, em que o timbre histórico esteja ausente. Ele raciocinava histórica e dialeticamente.

Ademais, não podemos esquecer que o jovem Ilich Ulianov foi fortemente marcado pela experiência histórica da Comuna de Paris de 1871<sup>3</sup>, e ainda, que para o revolucionário russo, a constru o de um instrumento de organiza o dos trabalhadores era imprescindível, noutras palavras, um Partido classista para interven o na arena política da velha Rússia. Nas palavras de Sodré (1986, p. 37):

Quem são os amigos do povo, de 1894 – Lênin tem então, apenas vinte e quatro anos –   o primeiro de uma série de trabalhos políticos, visando a forma o de um partido proletário forte pela sua organiza o e sem o qual, ele dirá sempre, a revolu o   impossível [...] Nesse estudo, Lênin fornece um esquema de sociedade de classes que   modelar e fundamenta teoricamente o papel histórico da classe operária como força revolucionária de vanguarda.

## 2 A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA COMO FERRAMENTA PARA A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NA RÚSSIA

Devemos registrar que a Rússia em fins do século XIX era pautada por uma estrutura de poder autocr tica pela vigência do czarismo, e também que o proletariado russo que estava em processo de forma o, cuja práxis política e de organiza o sindical era ainda muito incipiente. Já do ponto de vista teórico, imperava na Rússia, as chamadas formula es “críticas” realizadas pelos Populistas russos, que seriam os principais inter-

<sup>3</sup> Em diversos momentos históricos, Lenin teceu comentário e reflexões teóricas sobre a Comuna de Paris, ver: *A comuna de Paris e as tarefas da Ditadura do Proletariado* (1905); *Ensinamentos sobre a Comuna de Paris* (1908); *Em memória da Comuna* (1911); *Novas Li es da Comuna de Paris* (1917) e a *Ditadura do Proletariado e a Comuna de Paris* (1919). Estes textos estão reunidos na coletânea: LENIN, Vladimir I. *A comuna de Paris*. Brasília, DF: Kiron, 2012. Para uma rica e sugestiva interpreta o teórica e política sobre a temática ver MAZZEO, Antonio Carlos. Notas sobre Lênin e a Comuna. *Revista Novos Temas*, São Paulo, ano III, n. 4, set. 2011.

locutores de Lenin na década de 1890. Para Cerroni (1975, p. 85): “Toda la producción económica juvenil de Lenin comprendida en el último decênio del siglo XIX está dominada pela polémica contra la ideia de la ‘impossibilidade’ de um desarrollo capitalista de Rusia en ausencia de um mercado”.

Sabe-se que para os “populistas russos” os camponeses seriam os verdadeiros protagonistas de um pretenso “socialismo agrário”. Contudo, como nos alerta o Professor Plínio de Arruda Sampaio Júnior (2011, p. 51):

Em seu estudo [sobre o Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia], Lenin mostra que não havia como evitar as dores do capitalismo. A figura mítica do camponês que deveria protagonizar um socialismo agrário russo simplesmente não existia. Era uma ficção ideológica.

Pois, como Sodré (1986, p. 36-37) descreve:

A Rússia do arado primitivo, do moinho de água e do tear manual já se transformara, na Rússia do arado, da máquina trilhadora, do moinho e do tear a vapor. [...] não se tratava apenas do crescimento numérico do proletariado russo, mas de sua concentra o em grandes e em importantes centros industriais.

Trilhando um caminho reflexivo, sobre a obra leniniana *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*<sup>4</sup>, o Professor Jose Paulo Netto (1982, p. xv-xvi) observa que: “a refuta o das teses populistas opera-se com a afirma o, verificável a partir de dados empíricos, tanto da possibilidade concreta do capitalismo quanto a sua efetiva emergência, constatável por índices objetivos, em todos os  mbitos da forma o econ mico-social russa”.

Na esteira da crítica as concep es teóricas dos populistas,   que Lenin formular  teoricamente as concep es e diretrizes que serão desdo-

---

<sup>4</sup> As diversas a es políticas realizadas por Lenin durante a década de 1890 tiveram implica es que, redundaram em algumas prisões. O desterro na Sibéria por quase três anos, fez com que a sua principal obra do século XIX, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, fosse redigida na prisão. Lenin foi condenado em janeiro de 1897 e obrigado a cumprir pena de prisão por três anos na província de Lenissei, na aldeia de Shunshenkoie, “Alli acab  la redacc n de El desarrollo del capitalismo en Rusia (1899)” (VRANICKI, 1977, p. 344-345). A primeira edi o da obra: *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* fora publicada em março de 1899, cuja tiragem de exemplares foi de 2.400 unidades. Para um aprofundamento sobre a vida e obra de Lenin, ver: LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenin*. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1975, CHASLES, Pierre. *A vida de Lenin*. São Paulo, Difel, 1979, OBITCHKINE, G. A et al. *V. I. L NINE*: pequena biografia. Lisboa: Avante!, 1981 e ainda COGNIOT, Georges. *Presença de Lenin*: o curso de uma vida heroica. Lisboa: Estampa, 1974. 2 v.

bradas e compõem o eixo heurístico da obra *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. Segundo Sodré:

É um trabalho longamente preparado e muito meditado. Sua importância residiu essencialmente no fato de que condicionaria as posições e o programa do partido – Lênin militava, então no grupo União da Luta- por longo tempo, motivando essa controvérsia: uma delas, partindo da idéia de que a Rússia estava ainda em etapa pré-capitalista, defendia a idéia de que era necessário realizar a revolução burguesa e, para isso, entregar o comando político à burguesia; outra em que Lênin militava, defendia, ao contrário, a tese de que o capitalismo definia a etapa histórica russa e de que, portanto, tratava-se, realizando a revolução burguesa, sem dúvida de fazê-la com o proletariado à frente, para lhe dar um conteúdo favorável a futuros avanços. [...] Lênin demonstrou, em sua exaustiva e objetiva análise da sociedade russa e de sua história, que o problema do mercado interno residia no processo de desintegração dos pequenos proprietários de terra, repartidos em proprietários de meios de produção, particularmente a terra, e em proletariados, isto é, trabalhadores assalariados. E a criação do mercado interno acompanhava, passo a passo, o desenvolvimento do capitalismo. O antigo regime patriarcal, que alguns davam como existente, estava destruído e o processo de destruição se operara no interior da própria comuna rural. A época da reforma camponesa diferenciava-se nitidamente das épocas precedentes da história russa (SODRÉ, 1986, p. 36).

Nesta direção, merece destaque a reflexão cuidadosa e articulada de Netto (1982, p. xxi), ao apontar que:

*O Desenvolvimento* é a mais russa de todas as grandes obras de Lênin – e, paradoxalmente e exatamente, aí me parece residir a sua universalidade. Por que não se trata, neste livro, de ‘aplicar’ um método preciso – no caso, aquele elaborado por Marx – a uma dada realidade. Antes o procedimento leniniano consiste, a partir desse método, em agarrar a realidade de modo tal que a sua particularidade não resulte subsumida no reducionismo inerente às instâncias teóricas-metodológicas. Dai também, a sua criatividade: o aparato metodológico não retorna, desse mergulho na particularidade, idêntico a si mesmo, mas se amplia e se enriquece com novas determinações. A universalidade deste texto se encontra na sua exemplaridade [...] a efetiva compreensão de que face à irreduzível particularidade que consiste cada formação econômico-social, o método se recria no confronto com a empiria, cuja aparente opacidade é ultrapassada e dissolvida na captação da sua essência movente.

Por outro lado, para o historiador Iugoslavo, Pedrag Vranicki, a obra leniniana, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*:

que no solo es el análisis más profundo del tema y la refutación definitiva de las ilusiones populistas de Vorontsov, Karysev, Danielson, etc., sino que permitió también al próprio Lenin estudiar más a fondo que todos los demás marxistas la evolución real de la sociedad rusa y su estrutura: de aquí se deriván sus lúcidas valoraciones de las diversas situaciones históricas concretas. Sobre la base de una documentación muy ampla recogida durante el período que pasó encarcelado en Petersburgo, Lenin aborda el problema del desarrollo del capitalismo en Rusia exclusivamente desde el punto de vista del mercado interior, limitando-se al período posterior a la reforma, a los goviadores rusos y al aspecto económico de ese processo. Poniendo de manifesto los errores teóricos de los economistas populistas, analiza, a partir de numerosas estadísticas y diversos estúdios económicos, el desarrollo y la diferenciación de la población campesina, llegando a la conclusión del predominio de las relaciones económico-sociales basadas sobre la economía de mercado (VRANICKI, 1977, p. 345).

Fica evidente que os resultados e conclusões da obra leniniana, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, apontam para aquilo que denominamos como uma “crítica viva da chamada Economia Política”. Nas palavras de Florestan Fernandes, sintetizamos que:

A sua primeira obra de grande envergadura, *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, evidencia três coisas: 1) completo domínio crítico das teorias econômicas de Marx e do materialismo histórico; 2) aplicação exclusiva dessas teorias na descrição e interpretação dos fatos (isto é sem qualquer modalidade erudita de ecletismo); 3) As teorias econômicas de Marx forneciam “hipóteses diretrizes” estando longe de ser a fonte de um dogmatismo estéril: o que assegurava a marcha criadora da investigação, que se abria para a descoberta tanto do que era geral, quanto do que era peculiar à manifestação do capitalismo na Rússia (FERNANDES, 1978, p. 15).

Por isso para o historiador Iugoslavo Vranicki (1977, p. 348):

o objetivo de Lenin en aquella obra no era la pura investigación científica, sino la acción social. En una sociedad tan llena de contradicciones como la Rusia de aquel tempo, cargada todavia de vestígios feudales, marcada por el absolutismo político y por el capitalismo en su fase de

expansión, Lenin proponía fundamentalmente determinar si la lucha por el socialismo en Rusia tenía algún fundamento. Y para ello, necesitaba resolver los problemas relativos al desarrollo do capitalismo y la formación de la classe obrera más significativas, Lenin ofrecía, partiendo de una documentación muy ampla, um análisis precioso de esse processo, demostrando que el destino de Europa occidental era también el destino de Rusia.

Lenin pode constatar o processo de fragmentação do campesinato (camponeses ricos, camponeses médios e camponeses pobres) como também, o surgimento do Capitalismo no campo e o engendramento de novas relações sociais de produção no seio da nação euroasiática.

### **3 O INÍCIO DO SÉCULO XX E A “REVOLUÇÃO DE 1905” NA RÚSSIA**

A partir deste diagnóstico sobre a Rússia, Lenin evidencia a “ilusão” dos populistas, sobre o papel de vanguarda que o campesinato poderia exercer num processo revolucionário. Sepultadas quaisquer ilusões, ele sabia que neste momento histórico, o “proletariado russo” ainda não possuía a necessária musculatura para protagonizar a Revolução.

Nesta direção, o caminho político correto consistia numa aliança tática com o campesinato pobre. Como Arruda Júnior (2011, p. 54) sinaliza:

É com base nessa avaliação concreta sobre a especificidade da realidade russa que Lenin chega a conclusão de que a revolução colocava na ordem do dia a necessidade de uma ditadura democrática operária e camponesa para levar a revolução burguesa até as suas últimas consequências e assim, criar as condições que favoreceriam uma aceleração da transição do capitalismo para o Socialismo.

Por isso, haverá por parte de Lenin um enorme esforço não só teórico, mas especialmente político, de propaganda e de agitação política. Não custa lembrar que o partido operário social democrata russo (POSDR) já havia sido formado em 1898, como instrumento de ação para a efetiva concreção da Revolução na Rússia. Não é por acaso que em 1902 Lenin publica o livro: *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. Esta

importante obra, nesse momento histórico, sintetiza a concepção teórica sobre o papel do “Partido de novo tipo” e como este seria o instrumento imprescindível para a revolução. Para Braz (2011, p. 79-80):

Em *Que fazer?* Lenin traça uma noção de partido na qual este teria, ao mesmo tempo, a função de vanguarda do processo revolucionário e de centralização das ações políticas, com vistas à construção da revolução socialista. Por isso, o partido de Lenin tinha no seu amago as exigências de uma estrutura rígida e altamente disciplinada. Essas peculiaridades do partido lenineano devem-se a dois determinantes principais, quais sejam: as condições histórico-políticas da Rússia e o combate às tendências espontaneístas e demasiadamente obreiristas no seio do movimento operário. Lenin estava preocupado em estruturar uma organização política que fosse capaz de provocar o movimento revolucionário, que conseguisse centralizar de modo disciplinado as ações políticas, como formas alternativas às tradições políticas até então vislumbradas na Europa e na Rússia, a saber: o populismo, os socialismos reformistas e o terrorismo, que, na Rússia, acabava por envolver diversos tipos de militantes revolucionários que lutavam contra as arbitrariedades do governo autocrático czarista.

Todavia, para Fernandes (1978, p. 15), o livro *Que fazer?* Representa:

obra de síntese e superação das experiências políticas acumuladas durante o processo de formação, constitui a face política das descobertas históricas e econômicas contidas em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. Sua total fidelidade ao marxismo não pressupunha a ‘repetição de Marx’ ou a ossificação da dialética, e sim, a busca de novos caminhos, que só o marxismo podia desvendar desde que aplicado de forma precisa, exigente e imaginativa, como um saber vivo, em intrínseca conexão com a vida.

Em suma, percebe-se que para Lenin, o marxismo não seria um dogma, uma “mumificação” das ideias de Marx e Engels, e sim “análise concreta de situação concreta”. Assim, sob o eixo de uma *crítica viva da Economia Política*, o pensador russo em 1904, após a realização do II congresso do POSDR, escreveu o livro: *Um passo adiante, dois passos atrás*, avançando teoricamente sobre os princípios organizativos de Partido de



Vanguarda<sup>5</sup>, expostos na obra, *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*.

Paralelamente ao avanço teórico e político, e aos seus posteriores desdobramentos na práxis de Vladimir Ilich Ulianov, a nação euroasiática vivia uma situação econômica e social extremamente péssima. Como corrobora Genro e Genro Filho (2006, p. 37) “a crise econômica que abalou a Rússia entre 1900 e 1903 desempregou mais de duzentos mil trabalhadores. No campo aumentava a miséria e a exploração. Os castigos corporais, pela lei, abolidos em 1903, na verdade continuavam”.

Pois, a Rússia envolveu-se num conflito bélico contra o Japão entre 1904/1905, episódio este, que ficou conhecido como a Guerra Russo-Japonesa. O saldo deste conflito bélico foi nocivo para a nação eslava.

Diante destas condições, a Rússia czarista configurava-se como um terreno fértil para revoltas e protestos de camponeses e trabalhadores urbanos. Tendo por base Salomoni (1995, p. 21-22) verificamos historicamente que no dia 03 de janeiro de 1905, eclode uma greve em São Petersburgo na fábrica *Putilov*, esta logo se alastra por inúmeras fábricas da cidade.

Com contornos de uma greve geral mobiliza cerca de 250.000 operários, cujos desdobramentos reivindicativos materializam-se na grande marcha do dia 09 de janeiro de 1905. Neste dia, mais de 140 mil pessoas (homens, mulheres e crianças) lideradas pelo Padre Georg Gapon caminhavam rumo ao Palácio de Inverno, residência oficial do Czar para entregar sua pauta de demandas, cujas principais seriam: eleição para uma Constituinte por meio de sufrágio universal, redução da jornada de trabalho para 08 horas/dia e a fixação de um salário mínimo.

Contudo, são duramente reprimidos pelas tropas imperiais que atiraram contra a multidão, promovendo uma verdadeira carnificina, cujo saldo contabilizou mais de mil mortos e mais de dois mil feridos.

Este episódio ficou conhecido como o “domingo sangrento”, e deflagraria assim, a revolução na Rússia em 1905. Portanto, como sina-

---

<sup>5</sup> Para um estudo rigoroso e sistemático sobre a concepção de Partido em Lenin. Ver: BRAZ, Marcelo. *Partido e revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2011 e ainda: BRAZ, Marcelo. Apresentação. In: LENIN, Vladimir I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

lizou corretamente, Rosenberg (1989, p. 69) “A revolução russa de 1905 não começou por ordem de um comitê central partidário, mas contrariando o esquema leninista, pela rebelião espontânea das massas”.

Por todo o país, protestos e revoltas se generalizam. Em junho de 1905, ocorre na cidade portuária de Odessa, uma insurreição de marinheiros que regressavam da guerra contra o Japão. Eles realizam uma subversão no encouraçado *Potemkin* da marinha imperial mostrando que até nas forças armadas a ideia da revolução ganha força. Diante das várias pressões, o czar publica no mês de agosto o regulamento para eleição da дума<sup>6</sup> (parlamento).

Entretanto, como a lei até então não havia saído do papel, cresce a insatisfação da população russa, e no mês de outubro de 1905, estoura uma greve geral tanto em São Petersburgo como em Moscou, tendo à frente trabalhadores dos mais diversos segmentos, ou seja, padeiros, gráficos, bancários, operários de fábricas têxteis, funcionários dos correios e telégrafos e especialmente os trabalhadores ferroviários.

Desta experiência concreta, os trabalhadores de São Petersburgo criam em 13 de outubro, “o parlamento dos trabalhadores”, isto é, um Soviete. A criação deste órgão político de ação direta já estava em curso na Rússia desde maio de 1905 quando os operários têxteis de Ivanovo-Voznesenk região de Moscou materializam o primeiro Soviete.

Percebe-se que esta prática dos chamados “conselhos populares” foi disseminada em diversas cidades e no campo da Rússia. Os sovietes marcam uma nova etapa na luta contra o regime czarista na Rússia, neste sentido, concordamos com a observação de Genro e Genro Filho (2006, p. 41):

uma nova tática organizativa e política se impunha, pois surgiam espontaneamente os sovietes, que eram assembleias de delegados operários e camponeses, que resolviam e faziam, ou seja, tornavam-se instru-

---

<sup>6</sup>A Duma na Rússia funcionava como uma espécie de Parlamento (órgão legislativo), criada pelo czar Nicolau II em virtude das pressões e reivindicações das jornadas revolucionárias de 1905. A primeira Duma criada entre os dias 24 e 27 de abril de 1906, foi dissolvida pelo czar Nicolau II em 09 de julho de 1906. A segunda Duma, apelidada de “Duma Vermelha” teve uma brevíssima vida (20 de fevereiro a 03 de junho de 1907). Já a terceira Duma, cuja designação como “Duma dos senhores” durou de 1º de novembro de 1907 até 09 de junho de 1912. A 4ª Duma criada em 1912 foi logo “desativada operacionalmente” devido a 1ª guerra Mundial, de atuação amorfa e inócua durou até 1917. Na verdade as Dumas funcionavam como adornos, alegorias estereis, como “simulacro” de poder. Como Hill nos diz: “as dumas de Estado jamais tiveram poder de fato. Os sovietes, as assembleias de representantes de fábricas e organizações da classe trabalhadora, eram as únicas instituições espontaneamente democráticas no país” (HILL, 1977, p. 84).

mentos de democracia direta, fazendo o papel de executivo e legislativo ao mesmo tempo.

Voltando aos fatos históricos da Rússia, verifica-se que diante da pressão social, o regime czarista sinaliza com algumas mudanças aparentes:

Em 17 de outubro, um manifesto do Tsar redigido pelo primeiro ministro, Seguei Witt estabelece os direitos civis fundamentais (inviolabilidade da pessoa, liberdade de imprensa, da palavra de reunião, de associação) estende o direito de voto a todas as nacionalidades do Império, e confere à дума (parlamento) o poder de aprovar as leis do Estado (ANTONIELLI, 1995, p. 26).

Por outro lado, o governo cria as “centúrias negras” órgão que junto com a polícia secreta (Okhrana) reprimiram com extrema crueldade os trabalhadores urbanos e camponeses, ou seja, as centúrias negras se constituíram como uma *verdadeira máquina de repressão*:

Eles irão deflagrar uma onda de perseguições contra os judeus, os estudantes, os trabalhadores em toda Rússia. Em uma só semana, a partir de 18 de outubro, violentos confrontos explodem em 110 localidades do país. Eles irão fazer no mínimo 3.500 mortos e 10.000 feridos (ANTONIELLI, 1995, p. 27).

É importante também chamarmos atenção para a manobra política orquestrada pelo czar Nicolau II que tendo como seu primeiro ministro, Pedro Stolipin que no período de 1906 a 1911, reformulará leis, dentre elas, será realizada uma reforma agrária, ocasionando assim uma concentração das propriedades rurais nas mãos de uma pequena classe média camponesa, e como consequência direta os camponeses mais pobres, acabariam formando um proletariado agrário. Como aponta Hill (1977, p. 75-76):

Stolipin teve permissão de adotar uma tática inteiramente nova para enfrentar a situação agrária. Sua tática poderia ser definida como o avesso da política bolchevique: Stolipin tinha em vista cooperar com os elementos capitalistas do campo e dar assistência ao desenvolvimento deles. A revolução conquistara do governo a abolição das taxas anuais de resgate; com elas, grande parte da utilidade do *mir* para a máquina burocrática desaparecia também. Mediante uma série de decretos no outono de 1806, Stolipin, outorgou aos chefes de grupos familiares

o direito de propriedade absoluta das respectivas glebas, juntamente com o direito de firmar contratos fora da comuna e consolidar suas posses. A propriedade das terras até então atribuída à comuna, que personificava todos os membros da aldeia; a nova medida vinha assim desapropriar a todos com exceção dos chefes dos grupos familiares. Facilitaram-se créditos (aos dignos de crédito) a fim de que pudessem comprar as terras dos que as quisessem vender, fossem latifundiários assustados com os acontecimentos de 1905-1906 ou camponeses desvinculados e já graciosamente livres de se desfazerem de suas cotas para irem cuidar da vida onde lhes aprouvesse.

Não restam dúvidas que as experiências acumuladas com o processo revolucionário de 1905, forneceram fermento necessário para que Lenin efetivamente pudesse compreender a particularidade da formação histórico social da Rússia e sua correlação de forças na esfera da política. Como ressalta Rosenberg (1989, p. 75):

Em 1905, Lênin defendia a ditadura revolucionária democrática de operários e camponeses. Uma ideia genuinamente marxista mas que naquele momento, não poderia ser formulada por qualquer social-democrata da Europa Ocidental, nem mesmo o mais radical deles.

O caminho pavimentado com as jornadas de 1905 possibilitou ao pensador bolchevique um profundo período de estudos e reflexões, que iriam do terreno da política, das análises mais conjunturais, e atividade de agitação, como o texto: *as lições da Insurreição de Moscou*, publicado em agosto de 1906 no *Proletarii* nº02, até textos mais densos e complexos na esfera da filosofia<sup>7</sup> e da crítica da economia política, em especial o debate teórico<sup>8</sup> sobre a etapa monopolista do capital.

---

<sup>7</sup> Ver: LÉNINE, Vladimir. *Materialismo e empiriocriticismo*. Moscovo: Progresso; Lisboa: Avante!, 1982. Para uma aproximação propedêutica com esta problemática ver. GENRO, Tarso F.; GENRO FILHO, Adelmo. *Lenin: coração e mente*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006, especialmente p. 51-59.

<sup>8</sup> Sabe-se que a temática do Imperialismo foi objeto de estudo e reflexão de vários, destacamos a obra pioneira de Hobson de 1902: *Estudios del imperialismo*. Madrid: Alianza, 1981. Houve durante as duas primeiras décadas do século XX, diversos estudos sobre o Imperialismo. Destacamos entre outros a contribuição de Rudolf Hilferding com a publicação da obra: *O capital financeiro* em 1910, Rosa Luxemburgo com: *A acumulação de Capital*, publicada em 1912; Karl Kautsky com o polêmico artigo de 1914, denominado: *Ultra-Imperialismo*, Nikolai Bukharin que em 1915 escreveu: *A economia mundial e o Imperialismo*. Para uma síntese do debate sobre o Imperialismo consultar: KEMP, Tom. *Theories of imperialism*. London: Dobson Books, 1967 e ainda BREWER, Anthony. *Marxist theories of imperialism. A critical survey*. London: Routledge and Kegan Paul, 1980.

Enfim, poderíamos destacar inúmeros artigos e pesquisas realizados por Lenin antes da eclosão da Revolução de Novembro de 1917. Porém, não é o nosso objetivo. Por outro lado, caberia mencionar um estudo cuja importância, ao nosso juízo, continua indispensável para todos aqueles que pretendem na contemporaneidade seguirem o caminho aberto por Marx e Engels e trilhado de forma criativa e viva por Lenin.

Trata-se do estudo sobre: *As três fontes do Marxismo*<sup>9</sup> datado de 1913, e escrito para comemoração do trigésimo aniversário da morte de Marx. Nele, Lenin detalha, quais são os vetores que edificam o marxismo, bem como, revela a sua potência, atualidade e vivacidade, ou seja, o tripé pautado na aceitação da teoria do valor trabalho como a única que explica o fundamento da riqueza material, o método de investigação dialético e a perspectiva de classe proletária. Sobre este opúsculo Genro e Genro Filho (2006, p. 72):

a assimilação que certos intelectuais fazem do marxismo [...] equivale a esfolar um tigre, arrancar-lhe os dentes, as garras e continuar a chamá-lo de tigre. O marxismo que não serve aos operários e seus aliados na luta contra a exploração capitalista – e por isso mesmo é bem visto pela burguesia e seus representantes – não merece ser chamado de marxismo. Lenin sabia bem disso. Por este motivo. Ele afirma em seu breve texto (*Três fontes*) que o marxismo é uma concepção materialista no plano filosófico exatamente para pensar e fazer a revolução.

Mesmo com eclosão da 1ª guerra mundial em 1914, Lenin manteve o foco num denso e rigoroso trabalho sobre filosofia<sup>10</sup>, chamado:

<sup>9</sup> Infelizmente, Lenin (1870-1924) não chegou a completar 54 anos! Por este motivo, não teve acesso há obras substantivas de Marx e Engels, até então inéditas. O pensador soviético não conheceu os famosos *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844* (só publicados pela primeira vez em 1932), também, *A ideologia alemã*, obra escrita por Marx e Engels entre 1845 - 1846, submetida à “crítica roedora dos ratos” (só publicada em 1932), como ainda, os famosos *Grundrisse* (só publicados em 1939-1941). Mesmo diante deste quadro, Lenin conheceu muito bem, como ainda, possuiu um amplo domínio dos Livros I, II e III d’*O Capital: crítica da economia política* e de outras obras de Marx e Engels, como o *Manifesto do partido comunista*, *A sagrada família*, *Crítica ao programa de Gotha* entre outras. Este fato possibilitou ao pensador revolucionário o desenvolvimento de uma rica reflexão e interpretação sobre a Teoria Social Marxiana. Ao analisar suas fontes constitutivas: A Teoria do Valor Trabalho, herdada dos Economistas Políticos Ingleses, a Perspectiva de Classe advinda do Socialismo Francês, e o Método de Investigação, herdado da Filosofia Clássica Alemã. Ademais, cabe assinalar que há uma extensa polêmica e controvérsia sobre esta assertiva leniniana. Ver: “Crítica ao amálgama originário” In: CHASIN, José. *Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

<sup>10</sup> Cabe assinalar que Lenin estudou muito a Filosofia Clássica, fica clara esta incursão ainda com alguns equívocos em seu livro de 1908, *Materialismo e empiriocriticismo*. Contudo, sua musculatura filosófica ganha estatura e relevância ao se debruçar sobre a obra hegeliana, nos anos de 1914 e 1915, especialmente sobre: *A*

*Cadernos filosóficos*, cujo objetivo pautava-se em especial na compreensão da obra hegeliana, *Ciência da lógica* como ainda, se debruçou num estudo sistemático que versava sobre o Imperialismo<sup>11</sup>, esta obra ficou conhecida como: *Os Cadernos sobre o imperialismo*, estudo este que serviu de base para a redação do livro: *O imperialismo, fase superior do capitalismo*.

Nunca é demais lembrarmos, que tendo a cabeça a prêmio e “caçado como um rato” pelo czarismo russo, Lenin teve que passar vários anos longe de seu país, entre prisões e exílios, como descrevem Genro e Genro e Filho (2006, p. 47):

em dezembro de 1907, caçado em toda Rússia, Lenin empreendeu uma perigosa viagem sobre lagos e rios gelados para chegar até a fronteira sueca. Nádía contou em suas memórias que num certo momento, quando o gelo começou a ceder sob os seus pés, Lenin exclamou: ‘que maneira mais estúpida de morrer...’ pela segunda vez iria viver no exílio.

Em janeiro de 1908, Lenin e sua esposa, Nádía Krupskaja chegam à Suíça. O pensador soviético regressará em definitivo para a Rússia, apenas em 1917.

---

*ciência da lógica, Lições da historia da filosofia e Lições de filosofia da história*. Estes estudos compõem uma parte daqueles manuscritos que ficaram conhecidos como Cadernos Filosóficos. Ver: LENINE, Vladimir I. *Cadernos filosóficos*. Lisboa: Edições Avante!, 1989. (Obras escolhidas, Tomo VI). Há ainda um excerto de parte do estudo sobre a Lógica Hegeliana editado com uma longa apresentação de Henri Lefebvre e Norbert Guterman sob o título de *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Cf. LENIN, Vladimir I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2011.

<sup>11</sup> Trata-se de um estudo preparatório para a redação e confecção de seu livro: *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. Não seria nenhum exagero da nossa parte, apontar e comparar a importância que este estudo teve para Lenin redigir o livro sobre o Imperialismo, com aquela atribuída aos *Grundrisse* para que Marx redigisse a Contribuição à crítica a Economia Política em 1859 e posteriormente em 1867 publicasse o Livro I *d'O Capital*. Nesta direção, *Os chamados Cadernos sobre o imperialismo*, reúnem estudos, observações e apontamentos feitos por Lenin entre os anos de 1915 e 1916, um estudo ciclópico em face das condições históricas objetivas da Europa, e em especial da Rússia em meio à 1ª Guerra Mundial. Este trabalho de acúmulo teórico sobre o Imperialismo envolveu o estudo de 148 livros (106 em alemão, 23 em francês, 17 em inglês e 2 traduzidos ao russo), também de 232 artigos (206 em alemão, 13 em francês e 13 em Inglês, e ainda 49 jornais, sendo 34 periódicos alemães, 7 franceses e 8 ingleses. Cabe ainda lembrar que este monumental Livro ficou inédito até a década de 1930, sendo uma parte publicada no ano de 1933 e a outra parte, só seria publicada em 1938. Cf. LENIN, Vladimir I. *Cadernos sobre el imperialismo*. Moscú: Editorial Progreso, 1986. (Obras completas, v. XXVIII).

#### 4 AS PORTAS DA REVOLUÇÃO: A CONCREÇÃO DE UMA TEORIA SOBRE O IMPERIALISMO

Na Suíça, particularmente na cidade Zurique, durante os meses de janeiro e junho de 1916, Lênin elabora, sistematiza e sintetiza na forma de livro, o seu estudo: *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, que publicado a partir de 1917, torna-se um importante texto para o combate das terias econômicas vulgares, bem como, instrumento na arena da política, seja para as atividades de propaganda, e em especial de agitação.

Este importante trabalho, inicia-se com a constatação da importante mudança que havia sido introduzida na dinâmica do modo de produção capitalista, ou seja, “a concorrência transforma-se em monopólio. Daí resulta um gigantesco progresso na socialização da produção. Socializa-se também em particular o processo dos inventos e aperfeiçoamentos técnicos” (LÉNINE, 1975, p. 38).

Lenin também analisa a natureza do fenômeno dos monopólios que regem a etapa imperialista: elencando os traços constitutivos desta nova fase:

1. A concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica;
2. A fusão do capital bancário com o industrial e a criação, baseada nesse “capital financeiro”, da oligarquia financeira;
3. A exportação de capitais, diferente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande;
4. A formação de associações monopolistas internacionais de capitalistas, que partilham o mundo entre si;
5. O termo da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes. (LÉNINE, 1975, p. 108).

Por fim, o pensador soviético detalha que:

O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu importância assinalável a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes (LÉNINE, 1975, p. 108).

Prosseguindo com a formulação leniniana, ao nosso juízo, percebe-se a centralidade da categoria *capital financeiro* em seu arcabouço teórico para uma efetiva compreensão da dinâmica do modo de produção capitalista na contemporaneidade. Para Lenin (1975, p. 63) “[A] concentração da produção; monopólios que resultam da mesma;  *fusão ou entrelaçamento* dos bancos com a Indústria: tal é a história do aparecimento do capital financeiro e daquilo que este conceito encerra”.

Desdobrando o argumento de Lenin, sobre esta questão, percebesse que o fenômeno de concentração monopolista que marca a etapa imperialista do modo de produção capitalista, atinge a esfera produtiva, como também a esfera financeira, *lócus* de atuação privilegiado da forma capital bancário. Assim, na fase imperialista, a forma de capital bancário torna-se o agente fornecedor essencial do capital, pois, esta forma de capital ao centralizar o crédito, também passa a controlar os investimentos e o ciclo econômico em sua totalidade.

Em suma, ocorre uma fusão financeira e administrativa entre as indústrias (enquanto forma do capital produtivo) e os bancos (enquanto forma do capital bancário), sob a hegemonia destes últimos. Não é por acaso, que na etapa do imperialismo<sup>12</sup>, este novo tipo de capital sob a égide dos banqueiros e grandes rentistas em geral, isto é, de uma Oligarquia financeira, chama-se capital financeiro<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> A problemática sobre o Imperialismo continua atual e mostra a sua vitalidade teórica, inúmeros trabalhos continuam sendo produzidos no seio da chamada tradição marxista. Posições sob os mais diversos matizes e às vezes controversias como é o caso de: HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004. Lembramos o clássico: AMIN, Samir (Org.). *A crise do imperialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. Também o estudo instigante e provocativo de: WOOD, Ellen. *O império do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014. Ainda sem tradução no Brasil, vale a pena conferir o estudo de SANTI, Paolo et al. *Teoria marxista del imperialismo*. 3. ed. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.

<sup>13</sup> O entendimento em torno da validade atual, da categoria *capital financeiro*, não se constitui como um consenso. Muitos analistas e pesquisadores que teorizam na atualidade sobre a financeirização da riqueza, utilizam analiticamente as categorias de capital portador de juros e de capital fictício. Sugerimos a leitura de um texto basilar que didaticamente além de explicitar as diferenças entre capital financeiro, capital portador de juros e capital fictício, reconstrói com propriedade a discussão sobre as formas autônomas (capital comercial, portador de juros e do capital fictício) presentes na obra marxiana, *O Capital...* Livro III, seção V. Neste artigo, Marcelo Carcanholo e Juan Pancieira detalham como, o capital bancário desdobra-se além de suas funções técnicas (enquanto capital de comércio de dinheiro), graças ao desenvolvimento do sistema de crédito. Neste sentido, o capital bancário (como forma autonomizada de capital) dialeticamente se configura como capital portador de juros, pois, o capital torna-se uma mercadoria *sui generis*, isto é, seu empréstimo é destinado para a produção de lucros. Já a forma fictícia configura-se como desdobramento categorial e dialético e autonomizado do capital a juros. Por tudo isso, percebe-se que autonomização/substantivação das formas de capital são próprias à dinâmica e *modus operandi* do capital. Cf. CARCANHOLO, Marcelo; PAINCEIRA, Juan P. P. A atual crise do capitalismo e suas perspectivas. *Universidade e Sociedade*, Brasília, DF, ano XIX, n. 45, p. 161-173, jan. 2010.



Já para Rudokova (1986, p. 40-41):

As duas correntes da concentração - nas esferas industrial e bancária - fundem-se, formando o novo fenómeno, o capital financeiro [...] o monopólio do capital financeiro conduz necessariamente á dominação daquele sector da burguesia que representa este capital: a oligarquia financeira.

Ao nosso juízo, a categoria capital financeiro não é uma categoria epistemológica, trata-se na verdade, de uma categoria não só heurística, que abarca a totalidade das múltiplas manifestações e das distintas formas de ser e do *modus operandi* do capital. Noutras palavras, o capital financeiro não se configura apenas pela “fusão, junção ou entrelaçamento da forma de capital bancário com o capital produtivo”.

Trata-se na verdade de uma categoria ontológica própria da fase imperialista, que por sua vez, sintetiza a totalidade contraditória que engloba os ciclos do (capital produtivo – capital mercadoria e capital dinheiro), bem como, as formas autônomas e fluídas de capital, em especial, a forma de capital portador de juros e o capital fictício.

Analisando a obra em seu contexto histórico e numa perspectiva de totalidade, concordamos com a argumentação de Lukács (2012, p. 63) de que: *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, não é uma obra economicista, pois, na verdade:

A teoria do Imperialismo de Lenin é menos uma teoria a respeito do seu surgimento economicamente necessário e de seus limites econômicos – como a de Rosa Luxemburgo – do que uma teoria das forças concretas de classe que o imperialismo desencadeia e que atuam em seu interior; é a teoria da situação mundial concreta provocada pelo imperialismo. Quando Lenin investiga a essência do capital monopolista e a divisão de classes que daí surge: como a terra foi repartida de facto pelas grandes potências coloniais; as alterações ocorridas na divisão interna entre burguesia e proletariado (camadas parasitárias de rentistas, aristocracia operária etc.). E, sobretudo, como o movimento interno do capital monopolista, em razão do ritmo desigual nos diferentes países, revoga a repartição entre ‘zonas de interesse’ outros compromissos firmados e leva a conflitos que só podem ser solucionados pela violência, pela guerra.

O filósofo húngaro conclui que:

À medida que a essência do imperialismo como capital monopolista e sua guerra são determinadas com o desenvolvimento e exteriorização necessários da tendência de concentração ainda maior, de monopólio absoluto, a estratificação da sociedade torna-se mais clara em sua relação com essa guerra (LUKACS, 2012, p. 63).

No plano político, Genro e Genro Filho (2006, p. 95) sintetizam que: “Precisamente porque apenas [Lenin] entendeu o imperialismo como uma totalidade concreta, [ele foi] capaz de extrair as consequências políticas relevantes para a práxis revolucionária do proletariado”.

Voltando ao legado deixado por este importante estudo de Lenin, Sodré (1986, p. 45-46) resgata a sua atualidade teórica e heurística:

A análise do Imperialismo, a criação enquanto categoria marxista dessa etapa do desenvolvimento capitalista, a forma de separar tal categoria da escória de sua concepção vulgar de simples expansão pela força, definindo-a historicamente, foi sem sombra de dúvida, uma das maiores contribuições de Lênin ao marxismo e um dos instrumentos mais importantes para a luta política do nosso tempo e particularmente para os povos dos países oprimidos e dependentes. A atualidade desse estudo está acima de qualquer dúvida.

Detalhando ainda que:

o estudo de Lênin sobre o imperialismo está entre as suas mais importantes contribuições ao desenvolvimento do marxismo e representa análise aguda da fase histórica de que se gerou a crise do mundo contemporâneo. Todos estes estudos, de que o sobre o imperialismo, em 1916, foi o último, representam a genial interpretação de Lênin, no exílio, dos fenômenos que estavam em processo. Estava encerrada a fase em que ele poderia realizar estudos acurados, resultados de pesquisas e de leituras, de meditação prolongada. Daí por diante, caberia a Lênin outra forma de militância, aquela que se define por trabalhos do tipo das *cartas de longe* ou das *Teses de abril*, em que lhe cabe intervir no concreto, em situações particulares, cuja seriedade é indiscutível (SODRÉ, 1986, p. 49).

Também, Arruda Júnior (2001, p. 96): sinaliza a importância do estudo leniniano para que a atual tradição marxista possa manter viva, a efetiva crítica da economia política:

No conjunto da obra de Lênin, a teoria do imperialismo representa uma espécie de pedra angular que lhe permite estabelecer as mediações necessárias para que a perspectiva universalista da classe operária seja organicamente incorporada ao método de ‘análise concreta de uma situação concreta’. A visão do capitalismo monopolista – a base material do imperialismo – como um sistema econômico mundial composto de formações sociais heterogêneas articuladas por nexos econômicos e políticos, cujas particularidades estão condicionadas pela lei do desenvolvimento desigual, abre caminho para que a especificidade de cada formação econômica e social seja vista como um todo integrado à totalidade maior que a sobredetermina. Assim, a dinâmica da luta classes deixa de atrelar-se mecanicamente ao grau de desenvolvimento das forças produtivas para ganhar uma dimensão que extrapola a restrita perspectiva economicista que dominava o marxismo do início do século XX.

Se a obra, *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, sintetiza os traços fundamentais do Imperialismo, explicitando como a dinâmica de acumulação e reprodução capitalista, passa a ser regida não mais pela simples exportação de mercadorias e sim pela exportação de capital, entrando em cena como protagonista principal o *capital financeiro*. Também é verdade, que o efetivo entendimento e compreensão da categoria *capital financeiro* permite comprovar sua atual validade histórica, e explicita como a *oligarquia financeira* tem exacerbado a lógica rentista e parasitária no século XXI.

Ora, no nosso entendimento, a categoria de *capital financeiro* continua sendo o grande maestro e regente da dinâmica e acumulação no capitalismo recente, ou seja, a alquimia das finanças via processos de “financeirização da riqueza” cujos protagonistas são o capital portador de juros e o capital fictício, são na verdade, a representação e expressão mais imediata e reificada da realidade cotidiana que ofusca a atuação do capital financeiro (enquanto categoria síntese) na etapa atual do Imperialismo.

## 5 A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO: DO COMUNISMO DE GUERRA À NEP

O ano de 1917 é emblemático na Rússia. Após mais de 300 anos governada sob a égide dos Romanov (1613-1917), o czar Nicolau II e o seu filho abdicam em 15 de março. Ao mesmo tempo, ao esfacelamento da Rússia por estar participando ativamente da primeira guerra mundial, contribuem para o ressurgimento na cidade de Petrogrado (capital da Rússia), dos soviets, ou seja, aqueles órgãos de ação direta utilizados por trabalhadores urbanos e camponeses nas jornadas revolucionárias de 1905.

Entre os meses de março a novembro de 1917 (fevereiro a outubro pelo antigo calendário juliano), a dualidade de poderes instalasse-se de forma definitiva na Rússia. Em meios aos inúmeros protestos e agitações que se alastravam por todo o país, não foi possível o governo Provisório conter a situação que se agravava a cada dia.

Lenin que estava na Suíça, e havia regressado para Rússia em 16 de abril de 1917, será obrigado, mais uma vez, a viver na clandestinidade, a partir de julho. Pois, Alexandre Kerenski que havia sido conduzido ao cargo de 1º ministro do governo provisório em julho, desencadeará um intenso processo contrarrevolucionário. Por outro lado, quanto mais a truculência do governo provisório aumentava, mais os Sovietes se disseminavam pela Rússia; alastrando-se de Petrogrado, passando por Moscou até Kronstadt, este instrumento de ação direta dos trabalhadores e camponeses, ganhava musculatura e legitimação política e social, alargando ainda mais, o fosso da dualidade de poderes e conseqüentemente minando os alicerces contrarrevolucionários do Governo provisório de Kerenski.

Em outubro de 1917, Lenin que estava na Finlândia regressa a Rússia, agora em definitivo, para dirigir o exitoso processo revolucionário.

Pouco antes disso, logo que voltou da Suíça, Lenin não perdeu tempo, escreve as *Teses de Abril* conclamando: “Todo o poder aos Sovietes” fornecendo o alimento político necessário para a ocasião. Não é menos verdade que Lenin também ao lançar o lema: “*pão, paz e terra*” irá canalizar todas as forças sociais e aglutiná-las dando mais coesão e legitimação política ao processo insurrecional que culminará em Novembro.

Cabe lembrar ainda, que às portas da Revolução, isto é, entre os meses de agosto e setembro de 1917, Lenin redige: *O estado e a revolução*<sup>14</sup>, que só viria a ser publicado em 1918. Esta obra será de muita valia para Lenin pensar como se dirige o Estado com a tomada definitiva do poder pelos trabalhadores.

Depois de telegrafarmos sumariamente alguns acontecimentos que culminaram com a Revolução, levando os bolcheviques<sup>15</sup> ao poder, estes agora deveriam destruir o Estado Burguês e edificar o Estado Socialista, ou seja, uma aguda fase de transição que devido às particularidades russas exigirão um esforço hercúleo. Mais uma vez brota em Lenin a sua genialidade de realizar uma crítica viva da Economia Política, será neste período de transição, o que para muitos analistas (BERTELLI, 1988, 1999; ARRUDA JÚNIOR, 2011; GENRO; GENRO FILHO, 2006; ROSENBERG, 1989; GOMES, 2006) representa também, o período de produção de textos de *intervenção imediata*, cuja elaboração caminha no embrião e desenvolvimento de uma *Teoria sobre a Transição*.

Retomando os fatos, nesta fase de transição deveriam ser criados organismos e instrumentos novos e originais de gestão e administração. Com base em Bertelli (1988, 1999) e Mazzeo (1987) percebe-se que as experiências da Comuna de Paris e do soviete de São Petersburgo da Revolução de 1905 rendem frutos para a reflexão leniniana. Noutras palavras, a necessidade de transformação do Estado Burguês num Estado Proletariado, só se daria com a utilização dos Sovietes como a verdadeira

---

<sup>14</sup> Nesta direção, *O estado e a revolução*, representa para vários analistas, o estudo que dará o acabamento final à sua síntese da “Teoria do Partido”, cujo embrião e germe já haviam sido expostos em 1902, noutro estudo leniniano, *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. Além da leitura desta obra, recomendando para uma reflexão mais aprofundada e articulada, a leitura dos famosos “Cadernos azuis” escritos nos meses de janeiro e fevereiro de 1917 em Zurique. Este material serviu de base para que Lenin redigisse o livro, *O estado e a revolução*. Ver: LENIN, Vladimir I. *El marxismo y El estado*: materiales preparatórios para el libro El estado y la Revolucion. Madrid: Biblioteca Júcar, 1978. Já para uma primeira aproximação ao estudo do *Estado e a revolução*, ver: FERNANDES, Florestan. Apresentação. In: LENIN, Vladimir I. *O estado e a revolução*. São Paulo: HUCITEC, 1978, como também: NETTO, José Paulo. Lênin e a instrumentalidade do poder. In: LÊNIN, Vladimir I. *O estado e a revolução*. São Paulo: Global, 1987.

<sup>15</sup> Lembremos que em abril de 1917, o termo bolchevismo passou a incorporar o antigo Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), passando assim a ser denominado de Partido Bolchevique, além disso, em seu VII Congresso ocorrido entre os dias 06 a 08 de março, transforma-se no Partido Comunista da Rússia Bolchevista (PCR). Em 1925, no XVI Congresso muda seu nome para Partido Comunista de Toda a União (Bolchevista). Somente em 1952, no XIX Congresso, altera-se o nome para Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Cf. SEGRILLO, Angelo. *Herdeiros de Lenin: A história dos partidos comunistas na Rússia pós-soviética*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003. p. 15.

e democrática forma de governo sobre o efetivo controle do proletariado. Segundo Mazzeo (1987, p. 174)

Lênin percebeu que somente a centralização do poder político, garantiria a implantação de um Estado de novo tipo, [...] Em suma, os soviets expressam este novo tipo de Estado Proletário que se torna instrumento de dominação dos oprimidos sobre os antigos opressores. Caberá, então, a esse Estado de *novo tipo*, a reestruturação total (revolucionária) da sociedade e a eliminação da divisão de classes, sob a ditadura proletária, como fundamento para a primeira etapa do comunismo.

Contudo, mesmo com o fim da 1ª guerra Mundial em 1918. A nascente Rússia Soviética estará vivendo um processo contrarrevolucionário expresso numa brutal guerra civil que eclodiu em abril de 1918 e durou até novembro de 1920. Este momento histórico, como mencionado anteriormente, exigirá de Lenin e dos bolcheviques, grandes habilidades teóricas e políticas.

O recém governo revolucionário na segunda metade do ano de 1918 implanta, então, o chamado “Comunismo de Guerra”, que irá vigorar até meados da primeira metade do ano de 1921. Sobre este acontecimento, Bertelli (1988, p. 18) elucida que:

o período da guerra civil foi marcado pela necessidade de se militarizar toda a sociedade. Se a economia estava destruída pelos esforços dos quatro anos da guerra contra a Alemanha, imagina-se às dificuldades e as condições de sobrevivência de todo o povo em decorrência da luta contra os guardas brancos e as tropas estrangeiras que invadiram o país. Diante desta situação, não restou alternativa senão implantar o comunismo de guerra. Tudo passou para o controle do Estado: acontecia a socialização desejada pelos comunistas de esquerda, não por uma decisão econômica e política, mas militar.

No período do Comunismo de Guerra, há um processo de nacionalização das Indústrias e estas passam ao controle e gestão do Estado. Também ocorre o monopólio Estatal dos cereais e outros gêneros alimentícios, neste período em virtude da intensa guerra civil, a Rússia enfrenta uma grave inflação que implica numa substantiva desvalorização do di-

nheiro, fato esse que se estimulam as trocas in natura. Após quase três anos sob a égide do Comunismo de Guerra, constata-se na Rússia Soviética que:

O poder soviético pagou um preço incalculável pela derrota da contra-revolução. A economia foi praticamente destruída, isto é, acabou de ser destruída. A anarquia espalhava-se por todo o país. Revoltas camponesas no interior, fome, frio, doenças e banditismo nas cidades e no campo. A classe operária conscientizada praticamente desapareceu, vítima de combates nas frentes de batalha, da fome do frio, ou então devido à migração para o interior, em busca de alimentos para as famílias operárias (BERTELLI, 1988, p. 19).

No X Congresso do partido realizado em março de 1921, o Comunismo de Guerra é abandonado, surgindo assim na Rússia Revolucionária, a Nova Política Econômica (NEP). Esta nova política econômica resgata as teses dos bolcheviques sobre o período da transição. Para Medvedev (1988, p. 54-55):

Embora Lenin ainda depositasse confiança na iminente revolução proletária mundial, não podia, enquanto político lúcido que era, ligar o destino da Rússia soviética às vicissitudes imprevisíveis do movimento revolucionário mundial; e a busca de uma saída para a nova situação que se criou, chegou à elaboração da Nova Política Econômica. A NEP, em seu conjunto, não foi instaurada num só mês, nem mesmo num só ano. O próprio Lênin não teve consciência imediata de seu alcance. Considerada no início por numerosos dirigentes bolcheviques como um simples recuo temporário e inevitável, como uma mera manobra tática, a NEP trouxe tão rapidamente a estabilização e a melhoria da situação política e econômica interna que Lênin se deu conta também rapidamente que ela não era só uma retirada forçada, mas sim, a política mais adequada para a Rússia, com a sua economia atrasada e o seu governo operário.

Por meio da NEP foi restabelecida uma economia de mercado sob o controle do Estado. No nosso entendimento, observa-se neste período que Lenin mantém-se fiel ao lema: “marxismo é análise concreta de situação concreta”, assim, nesta direção, percebemos que a chamada “crítica viva da economia política” se faz presente nas suas elaborações teóricas. Embora, estes sejam textos escritos no calor da hora para uma intervenção mais imediata, eles exprimem uma compreensão de totalidade concreta

pautada na especificidade da realidade russa neste período, ou seja, o caminho correto para edificação do Socialismo. O célebre artigo: *Sobre o imposto em espécie: o significado da Nova Política econômica e suas condições*, escrito em 1921 é a prova mais cabal desta atitude.

Neste trabalho, Lenin retomando os argumentos de outro trabalho de 1918, intitulado *infantilismo de esquerda e a mentalidade pequeno-burguesa*, explicita como seria uma economia de transição, o chamado *Capitalismo de Estado*, seria uma etapa necessária para que a Rússia Soviética pudesse chegar ao Socialismo, isto é, “*O capitalismo de Estado é a preparação material, a antessala do Socialismo*”.

Lenin (1987, p. 145), ao refletir sobre a particularidade da formação econômico-social da Rússia, constata que neste período de transição, existem partículas de socialismo como de capitalismo e ainda que de diversos tipos de economia social:

1. economia camponesa patriarcal, isto é, natural em grau considerável;
2. pequena produção mercantil (nela se inclui a maioria dos camponeses que vendem cereais);
3. capitalismo privado;
4. capitalismo de Estado;
5. socialismo.

Lenin (1987, p. 145) detalha também que: “A Rússia é tão grande e tão complexa que nela se entrelaçam todos estes tipos diferentes de economia social. A originalidade da situação está exatamente nisso”. O pensador soviético insistia na ideia de uma fase de transição cujo protagonismo seria por meio de um capitalismo de Estado. Ele já afirmava em 1918 que:

O capitalismo de Estado representaria um passo à frente em comparação com a situação existente hoje em nossa República soviética. Se dentro de uns seis meses o capitalismo de Estado fosse implementado em nosso país, isso seria um imenso êxito e a mais sólida garantia de que, ao fim de um ano, o socialismo se afirmaria entre nós definitivamente e se tornaria invencível (LÊNIN, 1987, p. 144).



Ainda neste texto de 1918, no sentido de justificar a superioridade técnica do capitalismo para o efetivo avanço das forças produtivas<sup>16</sup> em solo russo, Lenin (1987, p 148) estabelece uma analogia com a Alemanha, país este considerado como o grande exemplo a ser seguido:

[...] um exemplo concretíssimo de Capitalismo de Estado. A Alemanha. Aí temos a última palavra da grande técnica capitalista moderna e da organização harmônica *subordinada ao imperialismo junker-burguês* deixando as palavras sublinhadas e colocando no lugar de Estado militar, *junker*, burguês, imperialista, também um Estado, mas um Estado de outro tipo social, de outro conteúdo de classe, o Estado soviético, isto é, proletário, obteremos toda a soma de condições que dá como resultado o socialismo

O pensador bolchevique é enfático:

**O socialismo é inconcebível sem a grande técnica capitalista**, calçada na última palavra da ciência moderna, sem uma organização estatal harmônica, que submeta dezenas de milhões de pessoas à mais rigorosa observância de uma única norma na produção e na distribuição dos produtos. (LÊNIN, 1987, p. 148, grifos e negritos nosso).

Para além de quaisquer elucubrações abstratas, Lenin não admitia vacilo:

Hoje na Rússia, predomina precisamente o capitalismo pequeno-burguês, do qual o único e mesmo caminho leva tanto ao grande capitalismo de Estado como ao socialismo; leva por meio de uma contabilidade e controle por todo o povo da produção e da distribuição. Quem não compreende isto comete um erro econômico imperdoável, seja desconhecendo os fatos da realidade, não vendo o que existe, nem sabendo olhar a verdade cara a cara, seja limitando-se a uma contradição abstrata entre capitalismo e o socialismo e não se aprofundando nas formas e fases concretas dessa transição existente em nosso país (LENIN, 1987, p. 149).

---

<sup>16</sup> Sabe-se que Lenin desde a vitória da Revolução Bolchevique, evoca as práticas tayloristas como as mais científicas para estimular o aumento da produtividade e o desenvolvimento das forças produtivas na Rússia Soviética. Contudo, esta nem sempre foi a sua postura. Cf. LINHART, Robert. *Lenin, os camponeses e Taylor*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, e também: FINZI, Roberto. Lênin, Taylor, Stakhanov: o debate sobre a eficiência econômica após Outubro. In: HOBSBAWM, Eric et al. *História do Marxismo VII. O marxismo na época da Terceira Internacional: A URSS da construção do Socialismo ao Stalinismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Evidentemente que a fase de transição sob a égide do capitalismo de Estado exigiria mudanças na condução da economia, para isso, o imposto em espécie era vital:

O imposto em espécie é uma das formas de transição do peculiar comunismo de guerra – determinado pela extrema miséria, pela ruína, pela guerra – para uma justa troca socialista de produtos. E esta última é, por sua vez, uma das formas de transição do socialismo ao comunismo, com as particularidades originadas pelo predomínio dos pequenos camponeses entre a população (LENIN, 1987, p. 156).

Lenin (1987, p. 157), ao refletir numa perspectiva de totalidade, também expressava uma sincera preocupação com a situação econômica dos camponeses que no período do comunismo de guerra viviam forte penúria. Assim, com as novas medidas econômicas introduzidas pela NEP, o quadro mudaria, pois:

O imposto em espécie representa esta transição. Estamos ainda tão arruinados, tão sufocados pelo peso da guerra (terminada ontem, e que amanhã mesmo, pela avidez e fúria dos capitalistas, pode eclodir de novo), que não podemos entregar ao camponês, produtos industriais em troca de todo o trigo que necessitamos. Sabendo disso, implantamos o imposto em espécie, isto é, tomamos dos camponeses, em forma de imposto, o mínimo indispensável de trigo (para o Exército e para os operários) e o resto, trocamos por produtos industriais.

Percebe-se que a partir deste diagnóstico, a chamada NEP reestabelecia uma economia de mercado sob o controle do Estado. Para Mazzeo (1987, p. 184-185):

Não restam dúvidas, por outro lado, que a NEP significou a reimplantação do capitalismo na Rússia. Mas essa reimplantação capitalista se deu sob outros conteúdos; foi na verdade, um tipo de capitalismo sem essência de si; sem essência burguesa. O capitalismo reimplantado, já não possui o poder de Estado em suas mãos, ao contrário, é controlado por um estado proletário que restringe seus lucros.

Também para Arruda Júnior (2011, p. 93) a NEP representou uma ação articulada, uma vez que:

No plano econômico, a recomposição dos mecanismos de funcionamento da economia exigia um recuo nas medidas de socialização exigidas pelo comunismo de guerra do período da guerra civil. Sem abrir mão dos mecanismos de planejamento central, Lênin defende a importância de uma abertura para a iniciativa privada, colocando na ordem do dia questão do recuo tático que permitisse melhores condições para a circulação mercantil e para a operação do grande capital, nacional e internacional.

Contudo, para Alec Nove (1988, p. 116) a política econômica executada na Rússia Soviética revelava que:

A NEP tornou-se um modelo de economia mista, na qual os setores fundamentais (a economia em larga escala, grande parte do comércio no atacado, o comércio exterior) eram controlados pelo Estado, mas onde o próprio setor estatal tinha de agir também em um contexto de mercado; através de um acordo com os consumidores, a direção estabelecia a proporção relativa dos produtos, os custos deviam ser cobertos com o que fosse conseguido com as vendas e o plano estatal se limitava em grande medida, somente aos investimentos. Os camponeses foram liberados para cultivar e vender como bem entendessem.

Todavia, cabe esclarecer que para Lenin não havia nenhum paradoxo, tratava-se sim de “fazer análise concreta de uma situação concreta”, ou seja, desenvolver as forças produtivas, custe o que custar, para isso as práticas capitalistas eram imprescindíveis, pois:

é preciso que se coloquem em andamento tudo que o possa ativar a troca entre indústria e a agricultura, custe o que custar. Aquele que neste terreno obtiver os melhores resultados, seja por meio do capitalismo privado, seja pela cooperação, sem transformar esse capitalismo privado em capitalismo de estado, trará mais proveito à construção do socialismo em toda a Rússia do que aquele que permanece meditando sobre a pureza do comunismo, escreve regulamentos, instruções e regras a respeito do capitalismo de Estado e da cooperação, mas não impulsiona de fato a troca (LÊNIN, 1987, p. 169).

Dessa forma, a NEP foi muito positiva para a nascente URSS<sup>17</sup>, os aspectos positivos desta política são descritos por Davies (1988, p. 84-85):

A Nova política econômica (NEP), inaugurada por Lênin em 1921, obteve em alguns aspectos um brilhante sucesso. A NEP permitiu que o Estado renunciasse ao exercício dos controles coercitivos sobre a produção camponesa que haviam sido característicos dos anos da guerra civil, bem como a reabertura do mercado entre cidade e campo. Dada estas condições, tanto a produção agrícola como a industrial conheceram uma retomada mais rápida do que se supunha os políticos ou economistas; e no outono de 1926 quase se reconquistou o nível pré-bélico. O estado continuava a ser proprietário de quase toda a indústria fabril e do sistema bancário. Foi mantido o monopólio do Estado sobre o comércio exterior.

Ressaltando que:

O mecanismo de planificação e controle estatal desenvolvido em meados dos anos 20 não era, portanto, absolutamente irrelevante. O governo soviético desenvolveu e estendeu os mecanismos de controle pré-bélicos, e bélicos do governo czarista – que se ocupavam a agricultura, ferrovias, transporte e estatísticas – acrescentaram-se agora outros departamentos para a Indústria (O VESENKHA, o conhecido conselho supremo da Economia Nacional) e para a Planificação (GLOSPAN) (DAVIES, 1988, p. 85).

Percebemos que a NEP no seu conjunto, efetivamente representou o fim de uma pretensão utópica e idealista de implantação do Socialismo via a imediata tomada de poder, assim, após a experiência mais que necessária do Comunismo de Guerra, “dar um passo atrás para depois dar dois três passos à frente era necessário”.

É evidente que para Lenin, enquanto revolucionário, na condução da NEP, o Estado continuava tendo um papel de protagonista central, de controle e de fiscalização:

---

<sup>17</sup> Historicamente, sabe-se que o Congresso dos Sovietes em 30 de dezembro de 1922 cria a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cuja Constituição de 06 de julho de 1923, seria ratificada em lei no dia 31 de janeiro de 1924. A URSS era composta pelas: República Socialista Federativa dos Sovietes da Rússia, constituída logo em Julho de 1918, a República Socialista Federativa da Ucrânia, a República Socialista Federativa da Rússia Branca e a República Socialista Federativa da Transcaucásia (Geórgia, Arménia e Azerbaijão). A URSS nesta época possuiu uma extensão territorial de mais de 22 milhões de quilômetros quadrados.

O comércio justo, que não se esquite ao controle do Estado, deve ser apoiado por nós e seu desenvolvimento nos convém. Porém é impossível diferenciar a especulação do comércio 'justo' se tomamos como um conceito da economia política. A liberdade de comércio é o capitalismo, e o capitalismo é a especulação: é ridículo fechar os olhos diante deste fato. Como proceder então? Declarar a impunidade da especulação? Não. É preciso rever e reformular todas as leis sobre a especulação, declarando passível de punição (persequindo de fato, com rigor três vezes maior do que antes) qualquer desfalque e qualquer ação para evitar aberta ou encoberta, direta ou indiretamente, o controle, a vigilância e o registro estatal (LENIN, 1987, p. 172).

Mais uma vez, pensando numa perspectiva de totalidade sob o cariz de uma crítica viva da Economia, o pensador soviético argumentava, sobre o desenvolvimento das forças produtivas. Pois, uma das suas preocupações mais urgentes, seria a necessária eletrificação de toda a Rússia Soviética.

O processo de eletrificação colocava-se como condição indispensável para a edificação do Socialismo. Sabe-se que não seria uma tarefa nada fácil para o nascente país Soviético, já que contando com uma tecnologia pouco desenvolvida e ainda, com uma extensão territorial total de mais de 22 milhões de quilômetros quadrados (17 milhões de km<sup>2</sup> só do território russo). Este motivo levaria Lenin em seu texto: *O imposto em espécie*, a afirmação que a Rússia soviética teria que passar pelas práticas do Capitalismo de Estado como fase de transição para o Socialismo:

A passagem direta de tal estágio predominante na Rússia para o socialismo é possível? Sim, é concebível até certo ponto, mas somente com uma condição, que agora conhecemos exatamente graças ao trabalho científico realizado. Esta condição é a eletrificação. Se construirmos dezenas de centrais elétricas distritais (agora já sabemos onde e como se pode e se deve construir) se levarmos sua energia a todas as aldeias e se conseguirmos a quantidade suficiente de motores elétricos e de outras máquinas, não precisaremos mais passar por graus intermediários ou transitórios entre o regime patriarcal e o socialismo, ou quase não será necessário. Mas sabemos perfeitamente que essa única condição exige somente para os trabalhos mais urgentes, pelo menos uma década, e reduzir este prazo, só é possível no caso da vitória da revolução proletária em países como Inglaterra, Alemanha e América do Norte (LENIN, 1987, p. 164-165).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo deste texto estabelecer conexões que marcaram a relação de Lenin com a *Crítica da economia política* para a efetiva compreensão da particularidade histórica e social da Rússia, bem como, sua utilidade como ferramenta de luta para o debate e intervenção teórico-prática e por conseguinte, sua contribuição para a construção do socialismo neste país. O contato de Lenin com a crítica da economia política foi estabelecido muito cedo, desde 1888, ou seja, como apenas 18 anos de idade, ele já estudava de forma rigorosa e sistemática a obra: *O capital* de Karl Marx.

Durante a década de 1890, a vida de Lenin é marcada por tragédias familiares e uma intensa atividade de agitação e subversão políticas, como ainda, representa o período em que ele publica os seus primeiros trabalhos, cujo expoente é sem dúvidas, a obra: *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, publicado em 1899. Este estudo marcará a construção de um eixo teórico-crítico que acompanhará o autor ao longo de todo o desenvolvimento posterior de sua obra, ou seja, uma crítica viva da Economia Política.

Se as formulações de 1916, sobre o *Imperialismo*, feita com tempo e reflexão profunda, caminham nesta direção, também é verdade que após a Revolução de Outubro, sobretudo no período do comunismo de guerra, e em especial, da NEP, Lenin mesmo sem tempo para reflexões densas e substantivas, continuava a formular para ação e intervenção real na realidade mais imediata, mas sem nunca abrir mão, de uma crítica viva e rica, e não ossificada, da Economia Política, em seu texto, *o imposto em espécie*, fica claro o seu lema: “dar respostas concretas para situações concretas”.

Lenin sem dúvidas foi protagonista como autor e ator da História. Como constatado por vários estudiosos e analistas: (BERTELLI, 1999; ARRUDA JÚNIOR, 2011; ROSENBERG, 1989; VRANICK, 1977), o pensador e líder revolucionário nos deixou um legado sobre: *uma Teoria do Imperialismo, uma Teoria do Estado, uma Teoria da Transição e uma Teoria do Partido*.

Mais do que nunca, ao nosso juízo, sinalizamos que, o que deve orientar teórica e politicamente a chamada tradição marxista no tempo presente, é o resgate da potência da crítica viva da Economia Política, isto é, de uma práxis concreta que seja pautada incondicionalmente no tripé da

aceitação e explicação pela teoria do valor trabalho para o fundamento da exploração na rodem do capital, do método de investigação social dialético e na perspectiva revolucionária da classe trabalhadora. Assim, se isso for feito, far-se-á jus ao legado de Lenin de que: “marxismo é análise concreta de situação concreta”.

Pois bem, entendemos que este é o único caminho possível para a plena efetivação da crítica viva da Economia Política, noutras palavras, o uso de categorias analíticas e conexões metodológicas feitas por Lenin contribuem para a efetiva compreensão heurística, teórica e política da Contemporaneidade, ou melhor, ajudam a desvendar o manto reificado que encobre e velam as engrenagens do estágio atual do Imperialismo, pois esta por sua vez, regida por intensos processos de “financeirização da riqueza” ditam o ritmo e dinâmica de acumulação e reprodução ampliada do capital.

Pois, como Lenin nos ensinou: “não existe prática revolucionária, sem teoria revolucionária”. Se Sartre acreditava que “o marxismo era o espírito do nosso tempo”, nós por outro lado, continuamos a acreditar que a teoria social lavrada por Marx e trilhada de forma rica e original por Lenin por meio de uma critica viva da Economia Política, continua a ser *o espirito do tempo presente!*

## REFERÊNCIAS

- AMIN, Samir (Org.). *A crise do imperialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- BANFI, Rodolfo. A propósito de El imperialismo de Lenin. In: SANTI, Paolo et al. *Teoría marxista del imperialismo*. 3. ed. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.
- BERTELLI, Antonio Roberto (Org.). *A Nova Política Econômica (NEP): capitalismo de estado – transição – socialismo*. São Paulo: Global, 1987.
- BERTELLI, Antonio Roberto (Org.). *Lênin: estado, ditadura do proletariado e poder soviético*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.
- BERTELLI, Antonio Roberto. *Capitalismo de estado e socialismo: o tempo de Lênin 1917-1927*. São Paulo: IPSO-IAP, 1999.
- BRAZ, Marcelo. Apresentação. In: LENIN, Vladimir I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

- BRAZ, Marcelo. *Partido e revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- BREWER, Anthony. *Marxist theories of imperialism. A critical survey*. London: Routledge and Kegan Paul, 1980.
- CARCANHOLO, Marcelo; PAINCEIRA, Juan P. P. A atual crise do capitalismo e suas perspectivas. *Universidade e Sociedade*, Brasília, DF, ano XIX, n. 45, p. 161-173, jan. 2010.
- CERRONI, Umberto. *La teoria de las crisis sociales em Marx*. Madrid: Alberto Corazón, 1975.
- CHASIN, José. *Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- CHASLES, Pierre. *A vida de Lenine*. São Paulo: Difel, 1979.
- COGNIOT, Georges. *Presença de Lenine: o curso de uma vida heroica*. Lisboa: Estampa, 1974. 2 v.
- COUTINHO, Ronaldo. Por que Lênin. *Revista Novos Temas*, São Paulo, n. 9, jun. 2014.
- DAVIES, R. W. As opções econômicas da URSS. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo VII. O marxismo na época da Terceira Internacional: a URSS da construção do Socialismo ao Stalinismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FERNANDES, Florestan. Apresentação. In: LENIN, Vladimir I. *O estado e a revolução*. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- FERNANDES, Florestan. Apresentação. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Lenin*. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- FINZI, Roberto. Lênin, Taylor, Stakhanov: o debate sobre a eficiência econômica após Outubro”. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo VII. O marxismo na época da Terceira Internacional: a URSS da construção do Socialismo ao Stalinismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GENRO, Tarso F.; GENRO FILHO, Adelmo. *Lenin: coração e mente*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- GETZLER, Israel. Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução russa. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo V. O marxismo na época da Terceira Internacional: a revolução de outubro/ o austromarxismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GRUPPI, Luciano. *O pensamento de Lenin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.



- HILL, Christopher. *Lênin e a Revolução Russa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- HOBSON, John A. *Estudios del imperialismo*. Madrid: Alianza, 1981.
- JOHNSTONE, Monty. Lênin e a revolução. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo V. O marxismo na época da Terceira Internacional: a revolução de outubro/ o austromarxismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- KEMP, Tom. *Theories of imperialism*. London: Dobson Books, 1967.
- KOTHE, Flávio. Lênin e a literatura. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, ano 1, n. 3, 1986.
- LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenine*. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1975.
- LENIN, Vladimir I. *Contribución a la caracterización del romanticismo económico*. Moscú: Editorial Progreso, 1975.
- LENIN, Vladimir I. *El marxismo y El estado: materiales preparatórios para el libro El estado y la Revolucion*. Madrid: Biblioteca Júcar, 1978.
- LÊNIN, Vladimir I. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- LÊNIN, Vladimir I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. 4. ed. São Paulo: Global, 1983.
- LENIN, Vladimir I. *Cuadernos sobre el imperialismo*. Moscú: Editorial Progreso, 1986. (Obras completas, v. XXVIII).
- LÊNIN, Vladimir I. Sobre o imposto em espécie. In: BERTELLI, Antonio Roberto (Org.). *A Nova Política Econômica (NEP): capitalismo de estado – transição – socialismo*. São Paulo: Global, 1987.
- LENIN, Vladimir I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso Tempo*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LÊNIN, Vladimir I. *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE, UNICAMP: Navegando Publicações, 2011.
- LENIN, Vladimir I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2011.
- LENIN, Vladimir I. *A comuna de Paris*. Brasília, DF: Kiron, 2012.
- LENINE, Vladimir I. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Lisboa: Edições Avante!, 1975.
- LÊNINE. Vladimir I. *Materialismo e empiriocriticismo*. Moscovo: Progresso; Lisboa: Avante!, 1982.

- LENINE, Vladimir I. *Cadernos filosóficos*. Lisboa, Edições Avante!, 1989. (Obras escolhidas, t. VI).
- LENINE, Vladimir I. *O imperialismo e os imperialistas*. Moscovo: Edições Progresso, 1981.
- LINHART, Robert. *Lenin, os camponeses e Taylor*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- LUKACS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MAZZEO, Antonio Carlos. Lênin e teoria do estado revolucionário. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, ano 2, n. 1, 1987.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Sociologia política marxista*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MAZZEO, Antonio Carlos. Notas sobre Lênin e a Comuna. *Revista Novos Temas*, São Paulo, ano III, n. 4, set. 2011.
- MEDVEDEV, ROI A. O socialismo num só país. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo VII. O marxismo na época da Terceira Internacional: a URSS da construção do Socialismo ao Stalinismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- NETTO, José Paulo. Título. In: LÊNIN, Vladimir I. *O desenvolvimento do capitalismo agrário na Rússia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. .
- NETTO, José Paulo. Lênin e a instrumentalidade do poder. In: LÊNIN, Vladimir I. *O estado e a revolução*. São Paulo: Global, 1987.
- NOVE, Alec. Economia soviética e marxismo: qual modelo socialista? In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo VII. O marxismo na época da Terceira Internacional: a URSS da construção do Socialismo ao Stalinismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- OBITCHKINE, G. A et al. *V. I. LÊNINE: pequena biografia*. Lisboa, Avante!, 1981.
- REIMAN, Michal. Os bolcheviques desde a guerra mundial até Outubro. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do Marxismo V. O marxismo na época da Terceira Internacional: a revolução de outubro/ o austromarxismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROSENBERG, Arthur. *História do Bolchevismo*. Belo Horizonte: Oficinas de Livros, 1989.
- RUDAKOVA, I. *Sobre a obra de "Imperialismo fase superior do Capitalismo"*. Moscovo: Edições Progresso, 1986.

- SALOMONI, Antonella. *Lenin e a revolução russa*. São Paulo: Ática, 1995.
- SAMPAIO JÚNIOR, Plínio Arruda. Apresentação: Por que voltar a Lênin? Imperialismo, barbárie e revolução. In: LÊNIN, Vladimir I. *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE, UNICAMP: Navegando Publicações, 2011.
- SANTI, Paolo et al. *Teoria marxista del imperialismo*. 3. ed. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.
- SEGRILLO, Angelo. *Herdeiros de Lenin: a história dos partidos comunistas na Rússia pós-soviética*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.
- SODRÉ, Nelson Weneck. Lênin e a história. Revista Novos Rumos, São Paulo, ano 1, n. 3, 1986.
- VRANICKI, Predrag. *História del marxismo. De Marx a Lenin*. Salamanca: Ágora: Ediciones Sígueme, 1977. v. I.
- WOOD, Ellen. *O império do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.